

Kandir vai explicar a lógica do plano ao FMI

07 JUL 1990

JORNAL DO BRASIL

O secretário de política econômica do Ministério da Economia, Antonio Kandir, admitiu ontem que o Plano Collor gerou ao país uma capacidade para honrar parte da dívida externa, cujos pagamentos estão interrompidos desde o ano passado. Ele não revela, entretanto, qual o montante que o governo estaria disposto a pagar aos credores externos, alegando que esse número deve ser guardado para a baraganha na mesa de negociações. Kandir, que ontem participou de uma reunião fechada sobre a situação da dívida no Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA), viaja no próximo dia 19 a Washington para preparar a vinda de uma missão do Fundo Monetário Internacional ao Brasil. Ele garante, porém, que a possibilidade de retomada do pagamento da dívida externa não entrou na pauta de discussões do governo, embora o nível de reservas cambiais esteja no confortável patamar de US\$ 7,5 bilhões.

Quando à visita ao FMI, Kandir argumenta que "não vamos apresentar dados detalhados sobre a economia brasileira. Apenas apresentaremos detalhes do andamento do plano de estabilização, mostrando que ele possui uma lógica que não pode ser rompida. Vamos ver que tipo de aporte o FMI pode nos dar, respeitadas as condicionalidades do plano", explicou Kandir. Ele levará como trunfo para o encontro com o diretor-gerente do FMI, Michel Candessus, a recuperação dos instrumentos de política monetária e fiscal, a abertura da economia ao mercado

José Varella — 15/03/90



Kandir: respeito à lógica

externo e a resistência do governo à reindexação.

As previsões orçamentárias e os dados de balanço de pagamento da economia brasileira só serão apresentados à missão do FMI, que inicialmente deveria ter vindo na primeira semana de junho, mas teve sua visita adiada porque o governo brasileiro não conseguiu fechar o orçamento. Na visita que fará ao FMI, Kandir pretende finalmente marcar a vinda da missão, iniciando os entendimentos com o Fundo, uma pré-condição à retomada das negociações com os bancos credores.

Kandir revelou ontem que o governo não vê como problema o início dos entendimentos com o FMI justamente no momento em que o Plano Collor começa apresentar resultados negativos, entre eles a inflação ascendente. Ele acredita que dentro de semanas a inflação começará a mostrar sinais de queda, em função da contenção de demanda e também porque o governo está "resistindo tenazmente à questão da reindexação da economia".

"Alguns resultados, no que diz respeito ao nosso programa, ainda demoram certo tempo para aparecer, mas esperamos para agosto resultados mais expressivos", justificou Kandir, que ontem estava muito animado porque a Fundação Instituto de Pesquisas de São Paulo (Fipe) havia detectado uma aceleração de 1,4% nos preços da terceira para a quarta semana de junho, contra uma média de 3% nas semanas anteriores. Essa aceleração menor, entretanto, não impediu que a inflação medida pela própria Fipe subisse de 8,53% em maio para 11,7% em junho.

Ele também não teme que as recentes liberações de preços promovidas pelo governo venham a criar uma nova "bolha inflacionária". Confia que a liberalização das importações e a redução da demanda interna serão suficientes para conter eventuais movimentos de alta de preços. Ao promover a liberação de preços, Kandir acha que o governo evitou o represamento da inflação, que acabava explodindo sempre que terminava o congelamento de preços nos planos de estabilização tentados anteriormente. "Preferimos arcar com os riscos logo no início do plano", justificou.

Quando à possibilidade de recrudescimento da inflação, Kandir argumenta que tudo dependerá dos agentes econômicos, mas o governo não ficará sem dar sua resposta: "Se os agentes insistirem em praticar preços irreais, isso significa uma maior retração no nível de atividade", ameaçou.